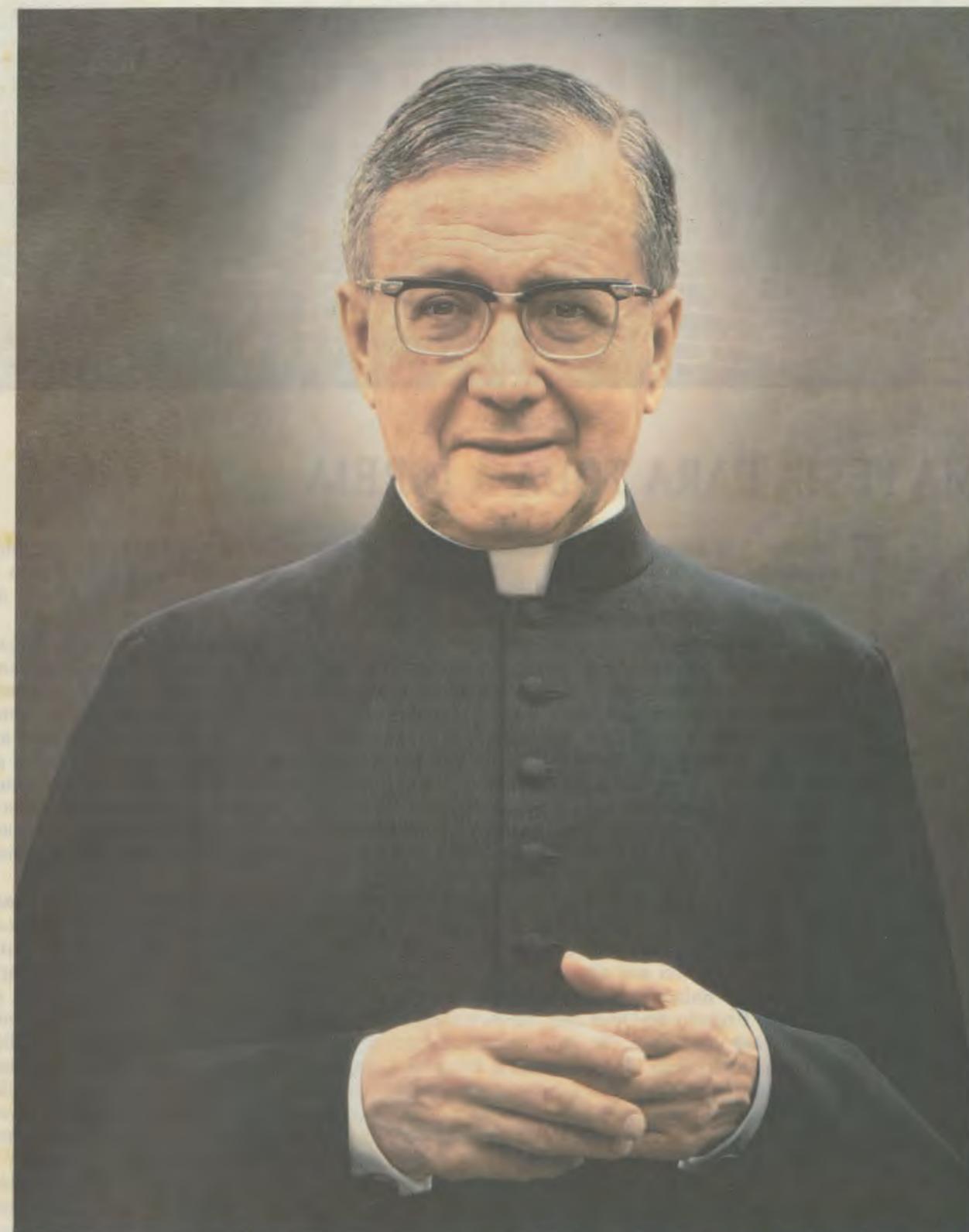


Altar da Igreja Prelática de Santa Maria da Paz, com a urna que contém o sagrado corpo do Bem-aventurado Josemaría Escrivá.

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI NO BRASIL, R. João Cachoeira, 1496,
CEP 04535-007, São Paulo, SP.

Esta FOLHA INFORMATIVA publica-se com censura eclesiástica da Congregação para as Causas dos Santos.



Bem-aventurado JOSEMARÍA ESCRIVÁ

Fundador do Opus Dei



UMA FESTA PARA TODA A IGREJA

No dia 17 de maio, diante de cerca de 300.000 peregrinos — era impossível aos romanos recordar uma multidão igual na Praça de São Pedro —, o Santo Padre João Paulo II presidiu à solene Missa de beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei, e de Josefina Bakhita, religiosa canossiana.

Toda a beatificação é um ato que manifesta sob uma nova luz o mistério da Igreja: mistério de santidade, de comunhão do homem — de cada homem e de toda a humanidade — com Deus. Os cristãos vêem-se assim impelidos a confiar, com uma consciência cada vez mais profunda, na eficácia da graça divina. E a sua esperança abarca horizontes mais vastos ao considerar que o Senhor, na sua infinita misericórdia, eleva o homem até fazê-lo alcançar eternamente a dignidade a que o chamou: a participação, em Cristo, na vida divina. A realidade do mal que opera no mundo — a experiência das nossas fraquezas e limitações, o pecado, a dor — não nos pode fazer renunciar à meta que nos espera. O exemplo daquilo que Deus realizou nos bem-aventurados e a confiança na sua intercessão animam-nos a reavivar a nossa fé e a tornar mais decidida, mais operativa, mais perseverante, a nossa resposta à vocação cristã.

Por isso, toda a beatificação é um verdadeiro acontecimento eclesial. E essa realidade fez-se especialmente tangível no dia 17 de maio de 1992. O Papa João Paulo II afirmava-o, no dia seguinte, na audiência aos peregrinos chegados a Roma para a elevação do Fundador do Opus Dei aos altares: “Estais repletos de alegria pela beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, porque confiais em que a sua elevação aos altares, como acaba de dizer o Prelado do Opus Dei, há de trazer um grande bem à Igreja. *Eu também compartilho essa confiança.* De fato, estou convencido, como escrevi na Exortação Apostólica *Christifideles laici*, de que «todo o Povo de Deus, e os fiéis leigos em particular, podem ter agora novos modelos de santidade e novos testemunhos de virtudes heróicas vividas nas condições comuns e ordinárias da existência humana» (n. 17). Como não se há de ver no exemplo, nos ensinamentos e na obra do Bem-aventurado Josemaría Escrivá um eminente testemunho de heroísmo cristão no exercício das atividades humanas comuns?”

Contam-se por milhões as pessoas que em todo o mundo — graças à figura e à mensagem do Bem-aventurado Josemaría — chegaram ao doce encontro com Cristo, que transformou as suas vidas. Agora, com o coração cheio de agradecimento a Deus, todos sentimos o dever de ser cada dia mais fiéis ao seu exemplo e aos seus ensinamentos. A Igreja o pede. É o que se depreende das palavras do Papa, e também do que afirmaram todos os Cardeais e Bispos que presidiram às numerosas Missas de ação de graças, concelebradas em diversas basílicas romanas nos dias imediatamente posteriores à beatificação.

Quando a Igreja beatifica um dos seus membros, reafirma que a santidade não é uma quimera, um ideal maravilhoso mas inatingível, e sim uma meta acessível a todos. O Senhor escolheu e abençoou com inumeráveis dons o Bem-aventurado Josemaría Escrivá precisamente para que proclamasse esta verdade ao mundo contemporâneo. A sua beatifica-

ção constitui, portanto, um novo marco na missão eclesial a que o Senhor o chamou, confiando-lhe a fundação do Opus Dei. Na Missa de 17 de maio, João Paulo II afirmou: “Com sobrenatural intuição, o Bem-aventurado Josemaría pregou incansavelmente a chamada universal à santidade e ao apostolado. Cristo convoca todos os homens a santificar-se na realidade da vida cotidiana; por isso, *o trabalho é também meio de santificação pessoal e de apostolado* quando se vive em união com Jesus Cristo [...]. A atualidade e a transcendência desta mensagem espiritual, profundamente radicada no Evangelho, são evidentes, como o mostra também a fecundidade com que Deus abençoou a vida e a obra de Josemaría Escrivá”.

Poucos dias depois, em 21 de maio, o Prelado do Opus Dei realçou essas palavras do Papa: “A elevação aos altares do Bem-aventurado Josemaría representa como que o início de uma nova expansão da missão eclesial para a qual o Senhor o escolheu. A universalidade da tarefa a que Deus o chamou — anunciar que todas as realidades terrenas são caminho de santidade — foi sublinhada de modo solene e tangível. A sua beatificação é, para todos os cristãos, *uma nova chamada à santidade*, um novo motivo de esperança, um exemplo de fidelidade e docilidade a Deus no cumprimento do trabalho cotidiano”. E acrescentou: “Não há dúvida: a beatificação do nosso Fundador marca também o início de uma nova etapa na vida do Opus Dei, e deve marcá-la na vida de cada um dos seus membros. Uma etapa de um amor mais profundo a Deus, de um empenho apostólico mais constante, de um serviço mais generoso à Igreja e a toda a humanidade. Uma nova etapa, em suma, de fidelidade mais plena ao espírito de santificação no meio do mundo que o nosso Fundador nos deixou em herança”.

Esta é a mensagem que palpita nas páginas que se seguem, onde se oferece um quadro, necessariamente sintético, desses dias inesquecíveis: o dia 17 de maio, com a homilia e a saudação do Santo Padre, durante o “Regina Caeli”, aos fiéis presentes na Missa de beatificação; o dia 18 de maio, com a Missa do Prelado do Opus Dei na Praça de São Pedro e o discurso do Romano Pontífice na audiência aos peregrinos; algumas passagens das homilias pronunciadas por eminentes personalidades da Cúria Romana, por ocasião das mais de 20 Missas de ação de graças que foram celebradas em Roma nos dias 19 e 20 de maio para diversos grupos lingüísticos; e as últimas concelebrações, presididas no dia 21 de maio por D. Álvaro del Portillo e pelo Vigário Geral do Opus Dei, Mons. Javier Echevarría, na Basílica de Santo Eugênio, antes do traslado definitivo do féretro do Bem-aventurado Josemaría Escrivá para a Igreja Prelaticia de Santa Maria da Paz.

Ao preparar-se esta publicação, não se pretendeu apenas recordar ou documentar graficamente um acontecimento eclesial histórico. Este número da *Folha Informativa* quer ser sobretudo um meio que nos ajude a renovar o nosso amor à Igreja e a pronunciar um sim mais decidido — mais confiante e humilde — à Vontade de Deus, movidos pelo exemplo do Bem-aventurado Josemaría e confiados na sua intercessão junto da Santíssima Trindade.

Vista panorâmica da Praça de São Pedro durante a beatificação, ponto de encontro de cerca de trezentos mil peregrinos.

BREVE APOSTÓLICO

Beatificação do Venerável Servo de Deus Josemaría Escrivá, Sacerdote, Fundador do Opus Dei

JOÃO PAULO II

Para perpétua memória. Enviada para instaurar o reino de Cristo em todos os povos (cf. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, n. 5), a Igreja é “sacramento universal de salvação, manifestando e ao mesmo tempo operando o mistério do amor de Deus para com o homem” (Conc. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 45).

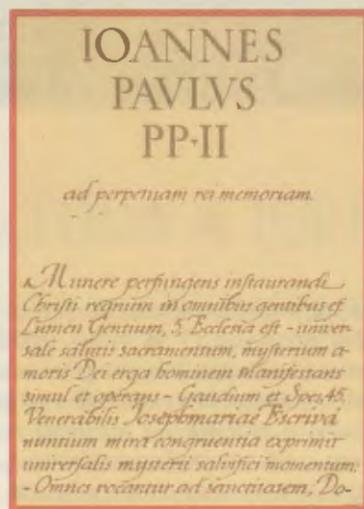
A mensagem do Venerável Josemaría Escrivá reflete, com admirável coerência, o alcance universal do mistério salvífico: “Cristo chama cada um à santidade e a cada um pede amor: a jovens e velhos, a solteiros e casados, a sãos e enfermos, a cultos e ignorantes; trabalhem onde trabalharem, estejam onde estiverem” (*Amigos de Deus*, n. 294). Ao proclamar a radicalidade da vocação batismal, o Fundador do Opus Dei abriu novos horizontes para uma cristianização mais profunda da sociedade. Com efeito, recordou que a universalidade da chamada à plenitude da união com Cristo implica também que qualquer atividade humana pode converter-se em ocasião de encontro com Deus.

O trabalho adquire assim um papel central no plano divino da santificação e do apostolado cristão. A particular conexão entre a graça divina e o dinamismo natural do agir humano confirma a primazia da vida sobrenatural de união com Cristo, ao mesmo tempo que a traduz num incisivo esforço de animação do mundo por parte de todos os fiéis. Neste contexto, o Venerável Josemaría Escrivá mostrou toda a potência re-dentora da fé, a sua energia transformadora tanto em relação às pessoas como às estruturas nas quais se plasmam os ideais e as aspirações dos homens.

O Fundador do Opus Dei percebeu com clareza a ilimitada virtualidade apostólica que se desprende da vida comum dos fiéis, mediante o empenho por santificar o trabalho e o conjunto das atividades cotidianas. Daí a sua insistência na necessidade de fundir numa harmônica *unidade de vida* a oração, o trabalho e o apostolado: “Há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é a que tem de ser — na alma e no corpo — santa e plena de Deus... A nossa época precisa devolver à matéria e às situações aparentemente mais vulgares o seu nobre e original sentido: pondo-as ao serviço do Reino de Deus” (*Questões atuais do cristianismo*, n. 114).

O Venerável Josemaría Escrivá, nascido em Barbatosa (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902, foi ordenado sacerdote em 28 de março de 1925, e a 2 de outubro de 1928 fundou em Madrid o Opus Dei; no dia 14 de fevereiro de 1930, compreendeu que devia estender o seu apostolado também entre as mulheres. No fiel cumprimento da sua tarefa, levou sacerdotes e leigos, homens e mulheres de todas as condições, a encontrar nas ocupações cotidianas o âmbito da sua co-responsabilidade na missão da Igreja, com uma dedicação total a Deus nas circunstâncias comuns da vida secular. “Abriram-se os caminhos divinos da terra!”, exclamava (*É Cristo que passa*, n. 21): não se limitou na prática a descrever as perspectivas pastorais que se abriam com esse empenho capilar de evangelização, mas configurou-o como realidade inerente à natureza estável e orgânica da Igreja.

Depois de uma vida intensa totalmente despendida no cumprimento



heróico deste serviço eclesial, marcado pela profunda experiência do mistério da Cruz, em estreitíssima união com a Bem-aventurada Virgem Maria, o Venerável Servo de Deus entregou a sua alma a Deus no dia 26 de junho de 1975, em Roma. Foi um autêntico mestre de vida cristã e soube atingir os cumes da contemplação por meio da oração contínua, da mortificação constante, do esforço cotidiano de um trabalho realizado com uma docilidade exemplar às moções do Espírito Santo, a fim de “servir a Igreja como a Igreja quer ser servida”.

A notável fama de santidade, de que gozou em vida, consolidou-se com extraordinário vigor depois da sua morte. Em 1981, o Vigário Geral da diocese de Roma, Cardeal Ugo Poletti, deu início à Causa de Canonização do Servo de Deus. Depois da celebração de dois Processos Cognicionais sobre a vida e virtudes, um em Roma e outro em Madrid, procedeu-se à discussão sobre a heroicidade das virtudes.

O correspondente decreto foi exarado em 9 de abril de 1990.

Entre os numerosos prodígios atribuídos ao Servo de Deus, foi escolhida a cura milagrosa de uma religiosa, ocorrida em 1976 e sobre a qual foi instruído um Processo Cognicional em 1982. Tendo sido submetido o caso aos exames de rigor, foi promulgado em 6 de julho de 1991 o decreto *super miro*.

Chegamos assim a estabelecer que o rito da beatificação tivesse lugar no dia 17 de maio de 1992.

Hoje, pois, em Roma, na Praça de São Pedro, no decurso da solene celebração litúrgica, pronunciamos a seguinte fórmula:

Nós, acolhendo o desejo dos nossos irmãos Camillo Ruini, Nosso Vigário para a cidade de Roma, e Pietro Giacomo Nonis, Bispo de Vicenza, bem como de muitos outros Irmãos no Episcopado e de muitos fiéis, depois de termos ouvido o parecer da Congregação para as Causas dos Santos, declaramos, com a Nossa Autoridade Apostólica, que os Veneráveis Servos de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote, Fundador do Opus Dei, e Josefina Bakhita, virgem, Filha da Caridade, Canossiana, podem de agora em diante ser chamados Bem-aventurados, e que se poderá celebrar a sua festa, nos locais e conforme o modo estabelecido pelo direito, todos os anos, no dia do seu nascimento para o Céu: 26 de junho para Josemaría Escrivá de Balaguer, e 8 de fevereiro para Josefina Bakhita.

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Tudo quanto decretamos pela presente carta, queremos que seja estável agora e no futuro, não obstante qualquer coisa em contrário.

Dado em Roma, junto de São Pedro, e selado com o anel do Pescador, no dia 17 de maio de 1992, décimo quarto ano do Nosso Pontificado.

Angelo card. Sodano
Secretário de Estado

L.S.

Arquivo da Secr. de Estado n. 304.722

17 de maio de 1992



BEATIFICAÇÃO DE JOSEMARÍA ESCRIVÁ

Centenas de milhares de peregrinos enchem a Praça de São Pedro e as ruas adjacentes na manhã de 17 de maio. A universalidade da Igreja era bem tangível nas pessoas de todas as raças, idades e condições sociais que tinham chegado a Roma por esse motivo.

Dezenas de milhões de espectadores, em cerca de trinta países, acompanharam a Missa de beatificação transmitida ao vivo pela televisão. Os meios de comunicação de todo o mundo mobilizaram os seus correspondentes para registrar essa manifestação evidente da perene vitalidade da Igreja.

O mistério da unidade da Igreja — Povo de Deus, constituído pela única fé — tornava-se outra vez patente ao mundo, pela devoção que transparecia nos rostos comovidos e alegres dos presentes e no recolhimento que reinava nessa imensa multidão. De tantos corações, com as suas histórias pessoais de lutas e derrotas, de cruces e esperanças, levantava-se ao céu a mesma oração: com milhares de maticizes diferentes, de agradecimento e de súplica, mas uma só oração de louvor a Deus.

No momento em que o Santo Padre João Paulo II proclamou Bem-aventurados Josemaría Escrivá e Josefina Bakhita, descerrou-se na fachada da Basílica de São Pedro o estandarte com os respectivos retratos: o sorriso do Bem-aventurado Josemaría Escrivá, seu olhar amabilíssimo, pareceram fixar-se em cada um dos presentes. O aplauso que ressoou na Praça, acompanhando o cântico do Christus vincit, manifestava, de modo inesquecível, a alegria da Igreja pelo triunfo de Cristo nos seus Bem-aventurados, e a esperança de alcançar com eles, através do peregrinar terreno, “a coroa de glória impercível” (Prefácio dos Santos, I). Dos altares, o Bem-aventurado Josemaría Escrivá recorda-nos, com mais força do que nunca, que para todos se abriam os caminhos divinos da terra.

O Santo Padre durante a homilia do dia 17 de maio de 1992.

Retrato do Bem-aventurado Josemaría Escrivá, exposto na fachada da Basílica de São Pedro, no dia 17 de maio — a partir do momento da beatificação — e no dia 18 de maio.



HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

1. “É necessário sofrer muitas tribulações para entrar no Reino de Deus” (At 14, 22).

Aos dois discípulos que iam a caminho de Emaús, Jesus disse-lhes: “Não tinha o Messias de sofrer estas coisas para entrar na sua glória?” (Lc 24, 26).

A primeira leitura fez-nos escutar os Apóstolos Paulo e Barnabé que “fortalecem e encorajam os discípulos a manter-se firmes na fé” (cf. At 14, 22). Eles anunciam a mesma verdade sobre a qual Cristo tinha falado no caminho para Emaús; uma verdade confirmada pela sua vida e pela sua morte: “É necessário sofrer muitas tribulações para entrar no Reino de Deus”.

Os discípulos de Cristo crucificado e ressuscitado — através do suceder-se das gerações no decurso dos séculos — escolhem o mesmo caminho que Ele lhes tinha indicado.

“Dei-vos o exemplo” (Jo 13, 15).

2. Hoje, é-nos oferecida uma nova ocasião de fixarmos o nosso olhar nesta via salvífica — a via para a santidade — detendo-nos na figura de duas pessoas que, de ago-

ra em diante, chamaremos “Bem-aventuradas”: Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote, Fundador do Opus Dei, e Josefina Bakhita, Filha da Caridade, canossiana.

A Igreja quer servir e professar toda a verdade acerca de Cristo, deseja ser dispensadora de todo o mistério do seu Redentor. Se o caminho para o Reino de Deus passa por muitas tribulações, então no seu fim encontra-se também a participação na glória — aquela glória que Cristo nos revelou na sua Ressurreição.

A medida desta glória é dada pela Nova Jerusalém, anunciada com as palavras do Apocalipse de São João: “Eis o tabernáculo de Deus entre os homens! Habitará com eles; eles serão o seu povo e o próprio Deus estará com eles” (Apoc 21, 3).

“Eu renovo todas as coisas” (Apoc 21, 5), diz o Senhor glorioso. O caminho para essa “novidade” definitiva de todas as coisas passa, aqui na terra, pelo mandamento novo: “Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 13, 34).

Este mandamento esteve no centro da



vida de dois filhos exemplares da Igreja que hoje, na alegria pascal, são proclamados Bem-aventurados.

3. Josemaría Escrivá, nascido numa família profundamente cristã, já na adolescência sentiu a chamada de Deus para uma vida de maior entrega. Poucos anos depois de ser ordenado sacerdote, deu início à missão de Fundador, à qual dedicaria 47 anos de amorosa e infatigável solicitude em favor dos sacerdotes e leigos do que hoje é a Prelazia do Opus Dei.

A vida espiritual e apostólica do novo Bem-aventurado esteve alicerçada no fato de saber-se, pela fé, filho de Deus em Cristo. Desta fé alimentava-se o seu amor ao Senhor, o seu ímpeto evangelizador, a sua alegria constante, mesmo nas grandes provas e dificuldades que teve de superar. “Ter a cruz é encontrar a felicidade, a alegria — diz-nos numa das suas *Meditações* —; ter a cruz é identificar-se com Cristo, é ser Cristo e, por isso, ser filho de Deus”.

Com sobrenatural intuição, o Bem-aventurado Josemaría pregou incansavelmente a chamada universal à santidade e ao apostola-

do. Cristo convoca todos os homens a santificar-se na realidade da vida cotidiana; por isso, o trabalho é também meio de santificação pessoal e de apostolado quando se vive em união com Jesus Cristo, pois o Filho de Deus, ao encarnar-se, uniu-se de certo modo a toda a realidade do homem e a toda a criação (cf. *Dominum et vivificantem*, 50). Numa sociedade em que a ânsia desenfreada de possuir coisas materiais as converte num ídolo e em motivo de afastamento de Deus, o novo Bem-aventurado recorda-nos que essas mesmas realidades, criaturas de Deus e do engenho humano, se usadas retamente para a glória do Criador e a serviço dos irmãos, podem ser caminho para o encontro dos homens com Cristo. “Todas as coisas da terra — ensinava —, também as atividades terrenas e temporais do homem, hão de ser levadas a Deus” (Carta, 19-III-1954).

“Ó meu Deus, meu Rei..., bendirei o Vosso nome pelos séculos dos séculos”. Esta aclamação que fizemos no Salmo responsorial é como que o compêndio da vida espiritual do Bem-aventurado Josemaría. O seu grande amor a Cristo, por quem se

Sua Santidade João Paulo II durante a incensação das relíquias do Bem-aventurado Josemaría Escrivá e da Bem-aventurada Josefina Bakhita.

«A vida espiritual e apostólica do novo Bem-aventurado esteve alicerçada no fato de saber-se, pela fé, filho de Deus em Cristo».

«Com sobrenatural intuição, o Bem-aventurado Josemaría pregou incansavelmente a chamada universal à santidade e ao apostolado».

sente fascinado, leva-o a consagrar-se para sempre a Ele e a participar do mistério da sua paixão e ressurreição. Ao mesmo tempo, o seu amor filial à Virgem Maria inclina-o a imitar-lhe as virtudes. “Bendirei o Vosso nome pelos séculos dos séculos”: eis o hino que brotava espontaneamente da sua alma, e que o impelia a oferecer a Deus tudo o que tinha e tudo o que o rodeava. Com efeito, a sua vida reveste-se de humanismo cristão, com o cunho inconfundível da bondade, da mansidão de coração, do sofrimento escondido com que Deus purifica e santifica os seus eleitos.

4. A atualidade e a transcendência desta mensagem espiritual, profundamente radicada no Evangelho, são evidentes, como o mostra também a fecundidade com que Deus abençoou a vida e a obra de Josemaría Escrivá. A sua terra natal, a Espanha, honra-se deste seu filho, sacerdote exemplar, que soube abrir novos horizontes apostólicos à ação missionária e evangelizadora. Oxalá esta gozosa celebração seja ocasião propícia que encoraje todos os membros da Prelazia do Opus Dei a uma maior entrega, na sua resposta à chamada à santificação e a uma participação mais generosa na vida eclesial, sendo sempre *testemunhas dos genuínos valores evangélicos*; e que isso se traduza num ardente dinamismo apostólico, particularmente atento aos mais pobres e necessitados.

5. Também na Bem-aventurada Josefina Bakhita encontramos uma testemunha eminente do amor paterno de Deus e *um sinal luminoso da perene atualidade das Bem-aventuranças*. Nascida no Sudão, em 1869, raptada por negreiros quando ainda

Card. Johannes Willebrands

Presidente Emérito do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos
(Basilica de São Clemente, 19-V-1992)

A pessoa do Fundador do Opus Dei tem, para toda a Igreja, um significado especial. Mons. Escrivá ensinou-nos, no caminho da nossa vida, o Caminho que é Jesus Cristo. Mostrou-nos esse caminho em nossa época, descreveu-o e percorreu-o com entusiasmo humano e vigor espiritual. A descrição que o Apóstolo São Paulo nos faz das suas contrariedades, das suas alegrias e da sua vida com Deus por Cristo Jesus, com a força e inspiração do Espírito Santo, encontra uma forma e uma realidade próprias em Josemaría.

era criança, e vendida mais do que uma vez nos mercados africanos, conheceu as atrocidades de uma escravidão que deixou no seu corpo as marcas profundas da crueldade humana. Apesar destas experiências de dor, a sua inocência permaneceu íntegra, rica de esperança. “Como escrava, nunca desesperei — dizia —, porque sentia dentro de mim uma força misteriosa que me amparava”. O nome Bakhita — como lhe tinham chamado os seus raptadores — significa Afortunada, e assim foi efetivamente, graças ao Deus de toda a consolação, que a segurava sempre pela mão e caminhava ao lado dela.

Chegada a Veneza, pelas vias misteriosas da Divina Providência, Bakhita bem depressa se abriu à graça. O batismo e, depois de alguns anos, a profissão religiosa entre as Irmãs Canossianas, que a tinham acolhido e instruído, foram *as conseqüências lógicas da descoberta do tesouro evangélico*, pelo qual sacrificou tudo, incluído o retorno à terra natal quando já era livre. Como Madalena de Canossa, também ela queria viver só para Deus, e, com constância heróica, enveredou, humilde e confiante, pela via da fidelidade ao maior amor. A sua fé era sólida, límpida, ardente. “Se soubésseis que grande alegria é conhecer a Deus!”, costumava repetir.

6. A nova Bem-aventurada passou 51 anos de vida religiosa canossiana, deixando-se guiar pela obediência num empenho cotidiano, humilde e escondido, mas rico de genuína caridade e de oração. Os habitantes de Schio, onde residiu durante quase todo o tempo, bem cedo descobriram na sua “Mãe Morena” — chamavam-lhe assim — uma humanidade rica em dar, uma força interior não comum que atraía. A sua vida consumiu-se numa incessante oração de anseio missionário, numa fidelidade humilde e heróica à caridade, que lhe permitiu viver a liberdade dos filhos de Deus e promovê-la à sua volta.

No nosso tempo, em que a corrida desenfreada para o poder, para o dinheiro e para o prazer causa tanta desconfiança, violência e solidão, a Irmã Bakhita é-nos dada de novo pelo Senhor como irmã universal, para que nos revele o segredo da felicidade mais verdadeira: as Bem-aventuranças.

A sua mensagem é *uma mensagem de bondade heróica*, à imagem da bondade do Pai celeste. Ela deixou-nos *um testemunho de reconciliação e de perdão evangélicos*, que levará certamente conforto aos cristãos

da sua pátria, o Sudão, tão duramente provados por um conflito que continua há muitos anos e que causou tantas vítimas. A fidelidade e a esperança desses cristãos são motivo de orgulho e de ação de graças para toda a Igreja. Neste momento de grandes tribulações, a Irmã Bakhita precede-os na via da imitação de Cristo, do aprofundamento da vida cristã e da inabalável dedicação à Igreja. Ao mesmo tempo, desejo mais uma vez dirigir um premente apelo aos responsáveis pelos destinos do Sudão, para que dêem cumprimento aos afirmados ideais de paz e de concórdia; para que o respeito aos direitos fundamentais do homem — e, em primeiro lugar, ao direito à liberdade religiosa — seja garantido a todos, sem discriminações étnicas ou religiosas.

Muito preocupante é a situação das centenas de milhares de refugiados das regiões meridionais, que a guerra constrangeu a abandonar casa e trabalho; recentemente, foram obrigados a deixar também os campos, onde tinham encontrado alguma forma de assistência, e foram levados para lugares desérticos, tendo-se até impedido a livre passagem dos comboios de socorro das agências internacionais. A situação deles é trágica e não pode deixar-nos insensíveis.

Recomendo vivamente aos organismos internacionais de assistência que continuem a enviar a sua ajuda providente, necessária e urgente.

Ao saudar a delegação da Igreja do Sudão, presente nesta celebração, dirijo um afetuoso pensamento, acompanhado pela minha oração, a toda a Igreja naquele país: aos Bispos, ao clero diocesano e missionário, aos leigos empenhados na pastoral, e também aos catequistas, colaboradores generosos e necessários para a propagação da Verdade, da Palavra e do Amor de Deus. As populações do Sudão estão sempre presentes no meu coração e nas minhas orações: confio-as à intercessão da nova Bem-aventurada Josefina Bakhita.

7. “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei, vós também deveis amar-vos uns aos outros. Por isto saberão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 34-35). Com estas palavras de Jesus, conclui-se o Evangelho da Missa de hoje. Nesta frase evangélica encontramos *a síntese de toda a santidade*; da santidade que alcançaram por caminhos di-



O Papa João Paulo II e o Bispo Prelado do Opus Dei, D. Álvaro del Portillo, no dia 17 de maio de 1992, depois da cerimônia de beatificação.

versos, mas convergentes na mesma e única meta, Josemaría Escrivá e Josefina Bakhita. Eles amaram a Deus com toda a força do seu coração e deram provas de uma caridade levada até o heroísmo mediante as obras de serviço aos homens, seus irmãos. Por isso a Igreja os eleva hoje às honras dos altares e os apresenta como exemplos na imitação de Cristo, que nos amou e se entregou a Si mesmo por nós (cf. Gal 2, 20).

8. “Agora foi glorificado o Filho do homem, e Deus foi glorificado nEle” (Jo 13, 31): *o mistério pascal da glória*. Por meio do Filho do homem, esta glória estende-se a tudo o que é visível e invisível:

“Glorifiquem-Vos, Senhor, as vossas obras, e bendigam-Vos todos os vossos santos. *Apregoem a glória do vosso Reino*” (Sl 145/144, 10-11). Eis o Filho do homem: “Não tinha... de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?” Eis os que, de geração em geração, seguiram Cristo: “Através de muitas tribulações, entraram no Reino de Deus”.

“O vosso Reino estende-se por todos os séculos” (Sl 145/144, 13).

Amém.



PALAVRAS DO PAPA NO “REGINA CAELI”

A alegria da Igreja

O Santo Padre saúda os enfermos que assistiram ao pé do altar à cerimônia de beatificação.

Caríssimos irmãos e irmãs,
Chegou o momento de recitarmos a bela antífona do “Regina Caeli”, que exprime magnificamente a alegria da Mãe do Senhor pela Ressurreição do seu Filho e, com Ela e nEla, a alegria da Igreja e de todos nós.

Hoje, de modo particular, a Igreja alegra-se com Maria ao ver elevados às honras dos altares o Bem-aventurado Josemaría Escrivá e a Bem-aventurada Josefina Bakhita.

A Igreja alegra-se por ambos, pelo fato de se terem encontrado hoje para esta beatificação na Praça de São Pedro. É um encontro que nos fala muito e fala ao mundo inteiro.

Este nosso irmão e esta nossa irmã em Cristo nutriram constantemente a sua vida espiritual com uma ardente e autêntica devoção à Mãe de Deus.

Nos últimos instantes da sua vida terrena, Mons. Escrivá ergueu um intenso olhar para o quadro de Nossa Senhora de Guada-

lupe, que tinha no seu quarto, a fim de se entregar à Sua intercessão materna e ser acompanhado por Ela para o encontro com Deus. Da mesma forma, as últimas palavras de Irmã Bakhita foram uma extática invocação à Virgem: “Nossa Senhora! Nossa Senhora!”, exclamou ela, enquanto o sorriso lhe iluminava o rosto. Eis por que o encontro dos dois, hoje, para esta beatificação na Praça de São Pedro, diz muito à Igreja.

Também nós, à luz do exemplo deles, somos convidados a olhar para Maria e a invocá-la, sobretudo neste mês a Ela dedicado, recitando em particular o Santo Rosário. Nesta oração, a Virgem guia a nossa meditação sobre os principais mistérios da Redenção. A fé de Maria seja, pois, também a nossa; a sua alegria seja também a nossa.

E como Ela é “*causa nostrae laetitiae*”, empenhemo-nos, por nossa vez, em ser a alegria de Maria, a fim de alcançarmos com Ela, Rainha do Céu, a Pátria bem-aventurada.

«Nos últimos instantes da sua vida terrena, Monsenhor Escrivá ergueu um intenso olhar para o quadro de Nossa Senhora de Guadalupe».



MISSA DE AÇÃO DE GRAÇAS

Depois de cada beatificação, a Igreja reúne-se em oração de agradecimento a Deus pelas maravilhas que operou na vida dos seus santos. É tradicional que, nos dias que se seguem, sejam celebradas Missas de ação de graças, e que o Santo Padre conceda uma audiência aos peregrinos.

Nesta ocasião, os fiéis que haviam chegado a Roma para assistir à beatificação de Josemaría Escrivá atingiam um número tão elevado que era absolutamente impossível que coubessem numa igreja ou basílica de Roma para a primeira Missa de ação de graças em honra do novo Bem-aventurado. O mesmo acontecia com a audiência do Santo Padre: não havia dúvida de que a Aula Paulo VI seria insuficiente.

Perante essas circunstâncias, pensou-se em organizar as duas reuniões no Estádio Olímpico, e chegou-se a submeter esse projeto à aprovação da Santa Sé.

Dias mais tarde, porém, o Vaticano comunicou que, como solução absolutamente extraordinária, o Prelado do Opus Dei poderia utilizar no dia 18, segunda-feira, o altar papal que seria preparado para as duas beatificações do dia 17 na Praça de São Pedro, ao mesmo tempo que se pedia que, no domingo de tarde, se ajudasse a ordenar as cadeiras utilizadas naquela manhã, durante a beatificação de Josemaría Escrivá e Josefina Bakhita.

De acordo com esse plano, D. Álvaro del Portillo, Bispo Prelado do Opus Dei, celebrou com o Vigário Geral e com os Vigários das diversas circunscrições da Prelazia, antes da audiência com o Papa.

Reproduzem-se a seguir, por ordem cronológica, a homilia pronunciada pelo Prelado do Opus Dei, a sua saudação ao Santo Padre e o discurso do Papa aos peregrinos.

D. Álvaro del Portillo durante a apresentação das oferendas, na Missa de ação de graças celebrada na Praça de São Pedro em 18 de maio de 1992.

HOMILIA DO PRELADO DO OPUS DEI NA PRAÇA DE SÃO PEDRO

«Quantas vezes o ouvi excluir, sobretudo nos últimos anos da sua vida: *Vultum tuum, Domine, requiram!*, quero contemplar o teu rosto, Senhor!»

1. Com imensa alegria, assistimos ontem à beatificação do Fundador do Opus Dei, Josemaría Escrivá, e à da Irmã Josefina Bakhita, religiosa Filha da Caridade, canossiana. Hoje, graças à benevolência do Santo Padre João Paulo II, sinto-me feliz de presidir a esta solene concelebração em ação de graças à Santíssima Trindade e em honra do Bem-aventurado Josemaría.

As palavras da Sagrada Escritura, que acabamos de escutar na primeira leitura, falam-nos de uma imensa multidão de santos que exclamam no Céu: *Aleluia! Ao nosso Deus a salvação, a glória e o poder!*¹ É o grito de louvor que brota também das nossas almas em comunhão com a Igreja celestial; uma união verdadeiramente íntima, porque a vida sobrenatural, que os bem-aventurados já alcançaram definitivamente, é também vida nossa. Deus chamou-nos para sermos *conformes à imagem do seu Filho*², e enviou o Espírito Santo aos nossos corações para nos transformar em *outro Cristo, o próprio Cristo*, como o Bem-aventurado Josemaría gostava de dizer³.

Desde agora somos filhos de Deus — escreve São João —, *mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos, porém, que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos como Ele é*⁴. O sentido da nossa filiação divina em Cristo, que informou toda a vida e a pregação do Bem-aventurado Josemaría Escrivá, suscitava na sua alma um ardente desejo de contemplar a Deus. Quantas ve-

zes o ouvi exclamar, sobretudo nos últimos anos da sua vida: *Vultum tuum, Domine, requiram!*⁵, quero contemplar o teu rosto, Senhor! Este anelo impelia-o a manter um trato constante com Deus em todas as circunstâncias: no trabalho e no descanso; na solidão da oração e na conversa sacerdotal com as almas; na alegria e na dor, que se convertia sempre em júbilo porque ele sabia ver nos sofrimentos a Cruz de Cristo. O amor à Cruz permitiu-lhe compreender até o fundo as palavras inspiradas do Apóstolo São Paulo: *Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*⁶. Diante de qualquer contrariedade, a sua reação era sempre: *Omnia in bonum!*, tudo é para bem!

2. Poucas semanas antes de o Senhor o ter chamado para gozar definitivamente da sua presença, dizia-nos: **Temos de estar [...] no Céu e na terra, sempre. Não “entre” o Céu e a terra, porque somos do mundo. No mundo e no Paraíso ao mesmo tempo [...], endeusados, mas sabendo que somos do mundo**⁷. Por este caminho de contemplação vivida no âmbito das ocupações terrenas, o Espírito Santo conduziu o Bem-aventurado Josemaría aos mais altos cumes da vida mística, à união com a Trindade divina. O diálogo filial com Deus tornava-se então de tal modo íntimo que — como ele próprio explicava — **sobram as palavras, porque a língua não consegue expressar-se; começa a serenar-se a inteligência. Não se raciocina, fita-se! E a alma rompe outra vez a cantar com um cântico novo, porque se sente e se sabe também fitada amorosamente por Deus, em todos os momentos.**

Não me refiro — acrescentava — **a situações extraordinárias. São, podem muito bem ser fenômenos ordinários da nossa alma: uma loucura de amor que, sem espetáculo, sem extravagâncias, nos ensina a sofrer e a viver, porque Deus nos concede a Sabedoria**⁸.

(1) Apoc 19, 1 (Primeira Leitura); (2) Rom 8, 29 (Segunda Leitura); (3) cf. Josemaría Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 104; (4) 1 Jo 3, 2; (5) cf. Sal 27(26), 8; (6) Rom 8, 28 (Segunda Leitura); (7) Josemaría Escrivá, *Meditação Consumados na unidade*, 27-III-1975; (8) Josemaría Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 307.

O meu coração transborda de emoção ao testemunhar hoje, aqui, com profunda gratidão a Nosso Senhor, que durante quarenta anos, um dia após outro, presenciei a vida santa do Bem-aventurado Josemaría, o seu amor a Deus e a todas as almas, a sua heróica correspondência à graça de Cristo, que Deus concede copiosamente aos humildes⁹. Fui testemunha de como ele levou à prática, com abnegação heróica, o programa de João Batista: *É preciso que Ele cresça e que eu diminua*¹⁰, até alcançar o cume que permite à alma exclamar com São Paulo: *Para mim, o viver é Cristo*¹¹; *eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim*¹².

“Olhando para a vida dos que seguiram fielmente a Cristo — ensina o Concílio Vaticano II —, novos motivos nos impelem a buscar a cidade futura (cf. *Hebr* 13, 14 e 11, 10) e ao mesmo tempo aprendemos o caminho mais seguro pelo qual, por entre as vicissitudes mundanas, poderemos chegar à perfeita união com Cristo”¹³.

A santidade alcançada pelo Bem-aventurado Josemaría não constitui um ideal impossível; é um exemplo que não se propõe apenas a algumas almas escolhidas, mas a inumeráveis cristãos, chamados por Deus a santificar-se no mundo: no âmbito do trabalho profissional, da vida familiar e social. É um exemplo clarificador que mostra como as ocupações cotidianas não são um obstáculo para o desenvolvimento da vida espiritual, antes podem e devem transformar-se em oração; ele próprio anota nos seus apontamentos pessoais, com certa surpresa, que vibrava de Amor a Deus precisamente **pela rua, em meio ao barulho dos automóveis, dos transportes públicos, da gente; mesmo lendo o jornal**¹⁴. É um exemplo particularmente próximo, porque o Bem-aventurado Josemaría viveu entre nós: muitos dos aqui presentes conheceram-no pessoalmente. Ele participou intensamente das angústias da nossa época, e foi precisamente nas atividades diárias, mediante o cumprimento fiel dos deveres cotidianos no Espírito de Cristo¹⁵, que alcançou a santidade.

3. Acabamos de ouvir, no Evangelho da Missa, as palavras que concluem o relato da pesca milagrosa: os Apóstolos, *deixando tudo, seguiram Jesus*¹⁶. O ensinamento é claro: para seguir a Cristo, é preciso deixar todas as coisas. O Bem-aventurado Josemaría correspondeu sem hesi-



tar a esta exigência, e ensinou que é possível cumpri-la plenamente no meio do mundo.

Sim! É possível *ser* do mundo sem ser mundano; é possível permanecer no lugar que cabe a cada um e, ao mesmo tempo, seguir a Cristo e permanecer nEle. É possível viver **no céu e na terra, ser contemplativo no meio do mundo**, transformando as circunstâncias da vida cotidiana em ocasião de encontro com Deus, em meio para levar outras almas ao Senhor e informar por dentro a sociedade humana com o espírito de Cristo, oferecendo a Deus Pai todas as ações, em união com o Sacrifício da Cruz que se renova sacramentalmente na Eucaristia¹⁷.

Esta mensagem de santificação *em, a partir de e através* das realidades humanas, é providencialmente atual na situação do nosso tempo¹⁸, que precisa urgentemente orientar o desenvolvimento científico e técnico não para a simples e infra-humana cul-

Vista panorâmica da Praça de São Pedro no dia 18 de maio de 1992, durante a Missa Solene de ação de graças pela beatificação do Fundador do Opus Dei, presidida por D. Álvaro del Portillo.

Card. Ugo Poletti

Arcipreste da Basílica Patriarcal Liberiana de Santa Maria Maior

(Homilia lida por D. Juan Larrea, Arcebispo de Guayaquil, Basílica de Santa Maria Maior, 20-V-1992).

A devoção à nossa Mãe estava enraizada no espírito do Bem-aventurado Josemaría com tal profundidade teológica e afeto filial, que *ser cristão* — filho de Deus em Cristo — equivale, na sua vida e nos seus ensinamentos, a *ser mariano*, filho de Maria. Podemos afirmar, portanto, sem medo de exagerar, que a riqueza da sua piedade mariana constitui já um tesouro para toda a Igreja.

«O Bem-aventurado Josemaría sempre quis viver para a glória de Deus, e orientar para esse fim todas as realidades terrenas».

tura do bem-estar material, mas para uma cultura — poderíamos dizer — do bem-estar integral: do homem todo e de todos os homens, para edificar o Reino de Jesus Cristo na terra: um reino de justiça, de amor e de paz¹⁹.

Este reino, de que a Igreja é portadora, começa no coração do homem, e daí se propaga pela vida familiar, profissional e social. Com palavras do Santo Padre João Paulo II, na sua primeira encíclica, este nosso mundo “das conquistas científicas e técnicas [...] é ao mesmo tempo o mundo que geme e sofre (Rom 8, 22) e espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus (Rom 8, 19)”²⁰. Não há dúvida: Estas crises mundiais são crises de santos. — Deus quer um punhado de homens “seus” em cada atividade humana. — Depois... “*pax Christi in regno Christi*”, a paz de Cristo no reino de Cristo²¹.

4. Desde que era muito jovem, o Bem-aventurado Josemaría compreendeu, com luzes divinas, que a Criação, a Redenção e a Santificação do mundo constituem a trama de um único projeto eterno da Santíssima Trindade, que ordenou todas as coisas para a glória do Pai, e que as conduz até esse fim por meio do Filho, com a força do Espírito Santo. Já nos anos trinta, assim condensava ele, em breves traços, o programa da sua vida e a razão de ser do Opus Dei: **Temos de dar a Deus toda a glória. Ele assim o quer: *Gloriam meam alteri non dabo*, não darei a minha glória a outro (Isai XLII, 8). E por isso nós queremos que Cristo reine, já que *per ipsum, et cum ipso, et in ipso, est tibi Deo Patri Omnipotentis in unitate Spiritus Sancti omnis honor et gloria*: por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na uni-**

Card. Eduardo Martínez Somalo

Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica

(Basílica de São Paulo “extra muros”, 19-V-1992).

Como deixar de louvar o nosso Deus e de agradecer-lhe o dom que acaba de dispensar-nos! Um dom para toda a Igreja — como nos disse João Paulo II —, para toda a Igreja, que ornou as suas vestes deslumbrantes com a vida do Bem-aventurado Josemaría Escrivá. Um dom que agradecemos de modo particular os que tivemos a felicidade de conhecê-lo pessoalmente nesta terra, os que — de um modo ou de outro — percebemos na nossa própria vida o impulso da sua alma límpida e generosa.

dade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória. E é uma exigência da sua glória e do seu reinado que todos, com Pedro, vão a Jesus por Maria²².

O Bem-aventurado Josemaría sempre quis viver para a glória de Deus, e orientar para esse fim todas as realidades terrenas. Por isso, procurou com toda a sua alma a união com Cristo por meio de Maria, e conseguiu alcançá-la porque amou com todo o seu coração e serviu com toda a sua vida a Igreja e o Papa. Não posso deixar de recordar a primeira vez em que veio a Roma, e a sua emoção ao divisar a cúpula de São Pedro e rezar o Credo. Passou aquela noite inteira em vigília de oração, com o olhar fixo nas janelas da residência do Santo Padre, que se avistavam a pouca distância, lá do terraço da casa onde nos alojávamos, na vizinha Piazza della Città Leonina. Esse espírito de oração perseverante e penitente, esse amor à Igreja e ao Romano Pontífice, é o que ele inculcou numa multidão de almas, e desse amor queremos ser hoje, aqui, uma singular manifestação.

Invocamos com emoção e agradecimento a intercessão do Bem-aventurado Josemaría, para chegarmos nós também à santidade pelo caminho seguro que é a nossa Mãe, a Santíssima Virgem. O Papa Paulo VI proclamou Santa Maria *Mater Ecclesiae*, Mãe da Igreja²³, e o Santo Padre João Paulo II quis iluminar com a sua imagem esta maravilhosa Praça de São Pedro, que abre os seus braços a toda a humanidade. Por meio da sua mediação materna recebemos a graça do Espírito Santo que nos torna membros de Cristo na Igreja.

Cristo, Maria, o Papa: três nomes intimamente unidos no coração do Bem-aventurado Josemaría, que quis resumir as suas ânsias apostólicas naquela aspiração tantas vezes repetida, que agora também nós tornamos mais uma vez nossa: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!*, todos, com Pedro — com o Papa e na Igreja —, a Jesus por Maria! Assim seja.

(19) Missal Romano, *Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo. Prefácio*; (20) João Paulo II, Litt. enc. *Redemptor Hominis*, 4-III-1979, n. 8; (21) Josemaría Escrivá, *Caminho*, n. 301; (22) Josemaría Escrivá, *Instrução*, 19-III-1934, ns. 36-37; (23) Paulo VI, *Discurso de encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II*, 21-XI-1964: AAS 56 (1964) 1015.



Audiência aos peregrinos

SAUDAÇÃO DO PRELADO DO OPUS DEI AO PAPA

Beatíssimo Padre,

Invade-me uma profunda alegria ao tomar a palavra e dirigir-me a Vossa Santidade. Faço-o em nome dos milhares de fiéis, sacerdotes e leigos, da Prelazia do Opus Dei, dos Cooperadores e amigos da Obra que, vindos dos cinco continentes, se reuniram em Roma para assistir à beatificação de Josemaría Escrivá, Fundador do Opus Dei. Sei que também represento todos aqueles, ainda mais numerosos, que, não tendo podido deslocar-se até a Cidade Eterna, se encontram no entanto espiritualmente presentes aqui, na Praça de São Pedro, unindo-se a nós na adesão fiel e no afeto filial ao Romano Pontífice.

Permiti, Santo Padre, que em nome de todos eles, e fazendo-me ainda intérprete do sentir das inumeráveis pessoas que recorrem à intercessão do Bem-aventurado Josemaría Escrivá, vos agradeça a solene cerimônia de beatificação a que Vossa Santidade presidiu neste mesmo lugar.

A crescente difusão da devoção privada ao Fundador do Opus Dei foi definida, no Decreto sobre as suas virtudes heróicas, como “*um verdadeiro fenômeno de piedade popular*”. De agora em diante, após a sua elevação à glória dos altares, haverá de aumentar ainda mais o número dos que recebem uma eficaz ajuda espiritual através do culto público, do exemplo e dos ensinamen-

tos do Bem-aventurado Josemaría. O principal motivo da nossa alegria e da nossa gratidão a Deus e a Vossa Santidade pela beatificação do nosso amadíssimo Fundador reside justamente no bem que há de trazer não apenas ao Opus Dei, mas a toda a Igreja. Este sentimento é consequência direta de tudo o que aprendemos e ouvimos constantemente dos lábios do Bem-aventurado Josemaría, que costumava re-

D. Álvaro del Portillo, Bispo Prelado do Opus Dei, dirigiu uma saudação ao Santo Padre, no começo da audiência do dia 18 de maio de 1992.

Card. Sebastiano Baggio

Camerlengo da Santa Igreja Romana

(Basílica de Santa Maria “in Vallicella”, 20-V-1992)

O Bem-aventurado Josemaría Escrivá realizou a sua tarefa fundacional com uma total retidão de intenção. Só lhe interessava a glória de Deus, e isto explica o seu profundo amor à liberdade, traço típico da sua vida e da sua pregação [...].

Para o Bem-aventurado Josemaría Escrivá, a união com a Igreja não é algo exterior, mas constitutivo de todo o autêntico apostolado. Vêm à mente novos motivos de agradecimento a Deus por essa unidade de apostolado que, seguindo o caminho traçado pelo Bem-aventurado Josemaría Escrivá, o Opus Dei viveu com tanta intensidade desde o princípio. Unidade que encontrou adequada expressão institucional com a ereção do Opus Dei em Prelazia pessoal, e que a ordenação episcopal do Prelado contribuiu para mostrar enraizada na própria fonte da unidade apostólica: o Colégio Episcopal que — *cum Petro et sub Petro* — sucede ao Colégio Apostólico.



O Santo Padre abraça D. Álvaro del Portillo, antes de começar a audiência do dia 18 de maio de 1992.

petir: A única ambição, o único desejo do Opus Dei e de cada um dos seus filhos é servir a Igreja como a Igreja quer ser servida¹.

Este serviço, como qualquer serviço verdadeiramente eclesial, exige a comunhão com os Pastores que o Espírito Santo [...] constituiu bispos para pastorear a Igreja de Deus, que Ele adquiriu com o seu próprio sangue², e de modo particular com o Sucessor de Pedro, princípio e fundamento visível da unidade da Igreja³. O Bem-aventurado Josemaría Escrivá impeliu-nos a considerar sempre a união com o Romano Pontífice no seu profundo conteúdo teológico e, ao mesmo tempo, a vivê-la como uma amabilíssima exigência de união efetiva e afetiva. Interpretando os sentimentos de todos aqueles que hoje represento, posso dirigir-me ao Senhor fazendo minha, mais uma vez, a exclamação do Bem-aventurado Josemaría: **Obri-**

gado, meu Deus, pelo amor ao Papa que puseste em meu coração⁴.

Beatíssimo Padre: neste dia em que, por uma gratíssima coincidência, festejamos o septuagésimo segundo aniversário de Vossa Santidade, renovando a minha plena adesão pessoal e a de toda a Prelazia do Opus Dei à Sé de Pedro, permiti que vos ofereça a nossa felicitação com a clássica expressão latina, que deseja ser uma invocação ao Senhor e à sua Santíssima Mãe: *Ad multos annos!* E, após haver agradecido mais uma vez, de todo o coração, a Vossa Santidade, peço, para mim e para todos aqueles que participam com alegria da beatificação de Josemaría Escrivá, a fortaleza da Bênção Apostólica.

(1) Josemaría Escrivá, *Carta*, 31-V-1954, n. 1; (2) *At 20*, 28; (3) Cf. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, n. 23; (4) Josemaría Escrivá, *Caminho*, n. 573.

Card. Angelo Sodano

Secretário de Estado de Sua Santidade
(Basílica de São Paulo "extra muros", 20-V-1992)

É Pedro quem guia a barca para a pesca milagrosa. Assim foi ontem e assim é hoje. O Sucessor de Pedro é quem dirige a nave da Igreja através dos mares da história humana; é o Papa quem recebe do Espírito o apoio para exercer o seu ministério de confirmar os irmãos na fé (cf. *Lc 22*, 32). Este sentimento de adesão ao Romano Pontífice esteve profundamente enraizado na vida do Bem-aventurado Josemaría. [...] A beatificação de Monsenhor Escrivá, queridos irmãos e irmãs, é um momento propício que Deus nos oferece para que reafirmemos a nossa entrega generosa ao anúncio e ao testemunho apostólico [...].



DISCURSO DO PAPA AOS PEREGRINOS

1. Agradeço sentidamente a adesão filial que, em nome de todos aqueles que enchem a Praça de São Pedro e dos numerosos fiéis, cooperadores e amigos do Opus Dei, foi expressa para comigo pelo Excelentíssimo Dom Álvaro del Portillo. A ele dirijo uma especial e afetuosa saudação, que faço extensiva aos outros membros do Episcopado e a todos os presentes.

Vós estais repletos de alegria pela beatificação de Josemaría Escrivá, porque confiais em que a sua elevação aos altares, como há pouco foi dito pelo Prelado do Opus Dei, há de trazer um grande bem à Igreja. *Eu também compartilho essa confiança*. De fato, estou convencido, como escrevi na Exortação Apostólica *Christifideles laici*, de que "o inteiro Povo de Deus, e os fiéis leigos em particular, podem ter agora novos modelos de santidade e novos testemunhos de virtudes heróicas vividas nas condições comuns e ordinárias da existência humana" (Exort. Apost. *Christifideles laici*, 17). Como não se há de ver no exemplo, nos ensinamentos e na obra do Bem-aventurado Josemaría Escrivá um eminente testemunho de heroísmo cristão, no exercício das comuns atividades humanas?

A chamada universal à santidade e ao apostolado é, bem o sabeis, um dos pontos sobre os quais insistiu maioritariamente o magistério do Concílio Vaticano II (cf. Const.

dogm. *Lumen gentium*, ns. 40-42). Como outros já antes dele, o Bem-aventurado Josemaría, graças à luz de Deus, compreendeu esta vocação universal não só como uma doutrina a ser ensinada e difundida especialmente entre os fiéis leigos, mas também e sobretudo como o próprio núcleo de um ativo empenho na sua atividade pastoral. O jovem sacerdote Josemaría Escrivá começou a trabalhar, com generosa correspondência à graça divina, num campo semeado de dificuldades. A sua fidelidade permitiu ao Espírito Santo conduzi-lo aos cumes da união pessoal com Deus, com a consequência de uma fecundidade apostólica extraordinária. O Senhor, com efeito, concedeu-lhe contemplar, já durante a vida terrena, frutos confortadores do seu apostolado, os quais Josemaría atribuía exclusivamente à bondade divina, considerando-se sempre um "instrumento inepto e surdo" e dando provas de uma humildade extraordinária, a tal ponto que se considerava, no fim da sua existência, "como uma criança que balbucia".

Uma nova chamada à santidade

2. A beatificação de Josemaría Escrivá oferece-me a ocasião para este gozoso encontro com todos vós, queridos sacerdotes e leigos que, em grande número, viestes a Roma para participar desta sentida manifestação de fé e de comunhão eclesial.

O Romano Pontífice João Paulo II, antes da audiência do dia 18 de maio de 1992, aclamado pelos peregrinos que assistiram à beatificação.

«Estais repletos de alegria pela beatificação de Josemaría Escrivá, porque confiais em que a sua elevação aos altares há de trazer um grande bem à Igreja».

Card. Camillo Ruini

Vigário de Sua Santidade para a diocese de Roma
Presidente da Conferência Episcopal Italiana
(*Basílica de São João de Latrão, 19-V-1992*)

Santificar-se no meio do mundo: o Bem-aventurado Josemaría encarnou cabalmente este ideal, ensinando, com o seu exemplo, a torná-lo possível lá onde confluem os interesses vitais da nossa história contemporânea, tão sensível ao valor do trabalho como meio de promover a dignidade do homem e o progresso social [...]. Esta mensagem — profundamente evangélica — do Bem-aventurado Josemaría Escrivá coloca-se, sem dúvida, entre aquelas que deram um novo dinamismo à missão da Igreja. O Povo de Deus, que caminha para o terceiro milênio da sua peregrinação terrena, encontra nos ensinamentos do Fundador do Opus Dei uma potente fonte de luz.

Antes de tudo, aprez-me apresentar a minha deferente saudação às digníssimas autoridades e personalidades de numerosos países da América Latina e da Espanha, que quiseram participar de um ato tão solene.

A figura de um Bem-aventurado representa uma nova chamada à santidade, a qual não é privilégio nem se dirige apenas a alguns, mas deve ser a meta comum de todos os cristãos. Com efeito, no batismo, pelo qual nos tornamos filhos de Deus, recebemos a graça, essa semente de santidade que vai crescendo e amadurecendo com a ajuda dos outros sacramentos e as práticas de piedade, e que há de manifestar-se nos frutos e no testemunho de vida que o Espírito promove nos que O amam. Assim se pode alcançar aquela plenitude de que fala o Apóstolo Paulo: *Esta é a von-*

Card. Andrzej Maria Deskur

Presidente Emérito do Conselho Pontifício
para as Comunicações Sociais
(*Grutas Vaticanas, 19-V-1992*)

Estamos aqui para dar graças a Deus em nome da Igreja e, de maneira especial, em nome da Igreja na Polónia e de todas as Igrejas eslavas, onde a obra do Bem-aventurado Josemaría é conhecida e está estendida e onde continua a levar a cabo esta nova evangelização a que estamos chamados [...]. Aqui, neste lugar onde estão enterrados os Papas, testemunhas destes últimos anos da Igreja que se relacionaram com o Bem-aventurado Escrivá, apresentamos a Deus os nossos agradecimentos pela sua elevação aos altares e pedimos-lhe que a Obra por ele iniciada, o Opus Dei — Obra de Deus —, com o espírito que o Santo Padre ratificou — a chamada universal à santidade, através do trabalho profissional —, possa desenvolver-se e ser acolhida com alegria por todos os fiéis, como obra confirmada pela Sé Apostólica e abençoada por Deus.

tade de Deus: a vossa santificação (1 Tess 4, 3).

Esta chamada à santidade foi proposta e repetida muitas vezes pelo Bem-aventurado Josemaría. Aqui estão presentes inúmeras pessoas que, em várias ocasiões, ouviram dos seus próprios lábios essa mesma exortação paulina; outras, receberam-na por meio dos seus escritos ou por testemunhas diretas. Pois bem, cada uma, imersa nas atividades concretas da sua vida e profissão, pode contar com a ajuda do Espírito Santo para percorrer este caminho até à perfeição cristã. Assim no-lo recorda o próprio Bem-aventurado numa das suas *Conversações*: “Os cristãos, trabalhando no meio do mundo, hão de reconciliar todas as coisas com Deus, colocando Cristo no ápice de todas as atividades humanas” (*Questões atuais do cristianismo*, n. 59).

Testemunho de vida pessoal, familiar e social

3. A este respeito, o Concílio Vaticano II exorta os cristãos a cumprirem, segundo a sua vocação pessoal, “os seus deveres temporais, guiados sempre pelo espírito evangélico” (*Gaudium et spes*, 43). Quando se falta a esta obrigação, deixa-se de cumprir a vontade de Deus, que espera de cada um a sua cooperação pessoal na obra da criação; mas, além disso, ofende-se o próximo, a quem nos une o imperativo incontornável da solidariedade. Por isso, o Concílio sublinha que “o divórcio entre a fé e a vida diária de muitos, deve ser considerado um dos mais graves erros da nossa época” (*ibidem*).

Os cristãos são chamados, particularmente nos nossos dias, a colaborar numa nova evangelização que impregne os lares, os ambientes profissionais, os centros de cultura e de trabalho, os meios de comunicação, a vida pública e privada, daqueles valores evangélicos que são fonte de paz, de fraternidade, de entendimento e de concórdia entre os homens. Este compromisso apostólico leva-se a cabo não só com a pregação da mensagem cristã, mas também com o testemunho de vida em nível pessoal, familiar e social. Ao mesmo tempo, é necessário que toda a ação evangelizadora esteja coordenada e integrada nos planos pastorais das próprias comunidades diocesanas que, por sua vez, se vêm enriquecidas pela variedade de carismas com que os Santos e Beatos tornaram fecunda a missão evangelizadora da Igreja universal ao longo da sua história milenária.

**Card. Joseph Ratzinger**

Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé
(*Basílica dos Santos Doze Apóstolos, 19-V-1992*)

Tendemos a deixar a santidade para uns poucos, desconhecidos, e a contentar-nos com ser como somos. Josemaría Escrivá veio despertar-nos dessa apatia espiritual. Não, a santidade não é algo insólito, mas uma realidade que há de ser comum e normal para cada batizado [...]. Tem mil formas, pode levar-se a cabo em qualquer lugar e profissão; é o normal; consiste em viver a vida corrente de olhos postos em Deus, impregnando-a do espírito de fé. Cumprindo essa missão, Josemaría Escrivá chegou a ser um grande homem de ação, que vivia da vontade de Deus e que chamava os homens a amar a vontade de Deus.

Novo impulso para a fidelidade

4. Dirijo agora uma saudação muito cordial aos peregrinos de língua francesa.

A vossa participação na beatificação do Fundador do Opus Dei será para vós, assim o desejo, a ocasião de um novo começo, a fim de corresponderdes plenamente à vossa vocação de batizados: vivei a vontade de Deus cada dia, em todas as vossas tarefas de homens e de mulheres deste tempo; avançai pelo caminho da santidade, isto é, deixai-vos conquistar pela presença de Cristo Salvador, que exorta os seus discípulos a permanecer no seu amor (cf. *Jo 15, 9*); participai ativamente da vida e missão da Igreja, em comunhão com os Pastores das dioceses e com todos os vossos irmãos e irmãs, a fim de levardes o testemunho da Boa Nova da salvação a um mundo que tem necessidade de luz e de razões de esperança para construir uma sociedade mais solidária e mais digna do homem.

Que o exemplo e os ensinamentos do Bem-aventurado Josemaría Escrivá vos iluminem! Que a sua intercessão vos sustenha! De todo o coração, abençoe-vos no nome do Senhor.

Fermento na sociedade

5. Estendo as minhas cordiais saudações àqueles que vêm de países de língua inglesa. Esta visita a Roma, cidade onde o Fundador do Opus Dei quis passar uma grande parte da sua vida, deve revigorar ainda mais a vossa fé e o vosso empenho na vida e na missão da Igreja. Roma é o lugar do testemunho dos Príncipes dos Apóstolos, Pedro e Paulo. É o lugar do qual o Sucessor de São Pedro convida a Igreja inteira a responder à urgente necessidade de uma “nova evangelização” no início do terceiro Milênio cristão. Em muitos documentos e em várias ocasiões,

exortei os leigos a tomarem parte decisiva na difusão da Palavra de Deus entre os milhões e milhões de homens e de mulheres que ainda não conhecem Cristo, o Redentor da humanidade (cf. *Christifideles laici*, 35; *Redemptoris missio*, 71). Sustentados pelo santo zelo que vos foi ensinado pelo novo Bem-aventurado e vosso Fundador, empenhai-vos plenamente na causa da evangelização, mediante o vosso testemunho fiel da fé e da doutrina da Igreja no vasto mundo dos negócios humanos, e mediante a vossa generosa participação na missão da Igreja. Como fermento na sociedade, fazei que os vossos talentos influam na vida pública e privada, em todos os níveis, proclamando, com palavras e obras, a verdade acerca do destino transcendente do homem. Seguindo os ensinamentos do vosso Fundador, respondi com generosidade à chamada universal à santidade da vida cristã e à perfeição da caridade, assentando assim as bases para um modo de vida mais humano e uma sociedade terrena mais justa e equitativa (cf. *Lumen gentium*, 40). Deus vos dê forças abundantes para esta tarefa.

Card. Edouard Gagnon

Presidente do Comitê Pontifício para os
Congressos Eucarísticos
(*Basílica de Santa Maria “sopra Minerva”, 19-V-1992*)

Mons. Escrivá não se conformou com alcançar pessoalmente a identificação com Cristo: entendeu que devia arrastar para Deus os outros [...]. A presença aqui de tantos fiéis [...] é algo incrível, algo que se deve à fé do Fundador do Opus Dei [...]. Todo o segredo da eficácia de Mons. Escrivá enraíza-se neste ponto: soube crer em Jesus com uma profundidade realmente extraordinária [...]. Essa fé, convertida em vida graças ao seu trato pessoal com Jesus — Jesus falava-lhe; em algumas circunstâncias, falou-lhe também de forma visível e concreta, mas falava-lhe incessantemente através do Espírito Santo —, fazia-o ver as coisas como Jesus as via e como as vê o Pai.

DIAS DE AÇÃO DE GRAÇAS

23 Missas solenes de ação de graças, presididas por altas personalidades da vida da Igreja.

Nas solenidades que tiveram lugar por ocasião da beatificação de Josemaría Escrivá, muitos fatores contribuíram para ressaltar a ressonância eclesial deste evento. Especialmente significativa foi a abundante participação de representantes da hierarquia eclesiástica: além dos 46 cardeais e quase 300 bispos que no dia 17 de maio assistiram à beatificação, um número ainda maior de membros do episcopado mundial escreveu, nos meses anteriores, a D. Álvaro del Portillo para expressar o seu agradecimento a Deus pela notícia da decisão do Santo Padre de elevar o Fundador do Opus Dei à honra dos altares.

Nos dias 19 e 20 de maio, em várias basílicas e igrejas romanas, sucederam-se 21 Missas solenes de ação de graças, presididas por altas personalidades da hierarquia da Igreja, para diferentes grupos lingüísticos.

Peregrinos de língua castelhana lotaram as Basílicas de São Paulo *extra muros* e Santa Maria *in Vallicella*, para participar de quatro concelebrações presididas respectivamente pelo Cardeal Angelo Sodano, Secretário de Estado; pelo Card. Sebastiano Baggio, Camerlengo da Santa Igreja Romana; pelo Card. Eduardo Martínez Somalo, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica; e pelo Card. Nicolás J. López Rodríguez, Arcebispo de São Domingos e Presidente do CELAM.

Para grupos italianos, celebraram o Card. Angelo Felici, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, na Basílica

Card. José T. Sánchez

Prefeito da Congregação para o Clero
(Basílica de Santa Maria "in Vallicella", 19-V-1992)

O Bem-aventurado Josemaría Escrivá é um presente de Deus para o mundo de hoje: a história da Igreja mostra-nos uma inesgotável e oportuna intervenção do Espírito Santo em determinados momentos, quando envia líderes carismáticos para enfrentar situações e necessidades especiais [...]. O mundo tem uma necessidade desesperada daquilo que o Bem-aventurado Escrivá ensinou, daquilo que testemunhou com a sua vida, daquilo por que morreu: necessita que o homem leve a sério a sua vocação para santificar o trabalho, seja qual for e onde quer que se desenvolva.

dos Santos Doze Apóstolos; o Card. Camillo Ruini, Vigário de Sua Santidade para a diocese de Roma e Presidente da Conferência Episcopal Italiana, na Basílica de São João de Latrão. O Card. Ugo Poletti, que iria officiar na Basílica de Santa Maria Maior, teve que ser substituído por motivos de saúde por D. Juan Larrea, Arcebispo de Guayaquil, que leu a homilia preparada para a ocasião pelo Cardeal Poletti, Arcipreste de Santa Maria.

Na Basílica dos Doze Apóstolos, o Card. Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, presidiu a uma concelebração para fiéis de língua alemã.

Os grupos anglófonos reuniram-se na Basílica de Santa Maria Maior, para participarem da Missa celebrada pelo Card. Edward Idris Cassidy, Presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos; na Basílica de Santa Maria *in Vallicella*, onde celebrou o Card. José T. Sánchez, Prefeito da Congregação do Clero; e na Basílica de *S. Andrea della Valle*, com o Card. Augustin Mayer. Os grupos de língua francesa assistiram às Missas do Card. Edouard Gagnon, Presidente do Comitê Pontifício para os Congressos Eucarísticos internacionais, na Basílica de Santa Maria *sopra Minerva*; e do Card. Paul Poupard, Presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo com os não-crentes, na Basílica de Santo Apolinário.

O Card. Pietro Palazzini celebrou em latim, para grupos de vários países, na Basílica de *S. Andrea della Valle*. Nesse mesmo templo, celebrou em português o Card. Agnelo Rossi, Decano do Colégio Cardinalício. Na Basílica de São Clemente, celebrou em holandês o Card. Johannes Willebrands, Presidente emérito do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Nas Grutas da Basílica Vaticana, diante do túmulo de São Pedro, celebrou o Card. Andrzej Maria Deskur, para os fiéis vindos da Polónia. Os peregrinos japoneses puderam assistir à Missa de D. Peter Takaaki Hirayama, Bispo de Oita, na igreja de *S. Girolamo della Carità*. Os coreanos, à de D. Angelo Kim, Bispo de Suwon e Presidente da Conferência Episcopal Coreana, na igreja de *S. Giovanni Battista al Collatino*; os finlandeses, à do Revmo. Pe. Rudolf Larenz, em Santa Ma-



ria *sopra Minerva*. À igreja de Santa Brígida compareceram os que vieram da Suécia, para a Missa do Revmo. Dr. Johannes L. Bernaldo, Vigário Regional do Opus Dei.

Ainda que por razões de espaço sejamos obrigados a reproduzir apenas breves passagens de algumas das homilias pronunciadas nessas Missas de ação de graças, a ampla participação de eclesiásticos nessas cerimônias manifesta a projeção universal alcançada pela figura e pela mensagem do Bem-aventurado Josemaría Escrivá, e as esperanças que a Igreja põe na sua intercessão e no seu exemplo de santidade, para iluminar o mundo com a luz do Evangelho, no limiar do Terceiro Milênio.

Em Roma, as cerimônias litúrgicas relacionadas com a beatificação de Josemaría Escrivá concluíram-se no dia 21 de maio. Com a autorização da Congregação para as Causas dos Santos, havia-se efetuado no dia 14, de forma privada, o traslado do féretro com os restos mortais da Cripta da Igreja Prelática da Prelazia do Opus Dei — onde se encontrava desde o momento do sepultamento — para a Basílica de Santo Eugênio. O número de peregrinos exigia que se dispusesse de um lugar suficientemente amplo para permitir que todos os que o desejassem pudessem venerar as relíquias do corpo do Fundador do Opus Dei.

Desde o dia 14, a Basílica de Santo Eugênio esteve, a todas as horas, cheia de fiéis

que ali acorriam para rezar perante a urna, coberta por um pano vermelho. A extensão da devoção privada ao Fundador do Opus Dei é um fato universal. O Decreto Pontifício sobre a heroicidade das suas virtudes define-a como “um verdadeiro fenômeno de piedade popular”, que se tornou espe-

O Prelado do Opus Dei, com um grupo de bispos e sacerdotes, na solene concelebração de ação de graças, na Basílica de Santo Eugênio, em 21 de maio de 1992.

Card. Nicolás J. López Rodríguez

Arcebispo de São Domingos - Presidente do CELAM
(Basílica de São Paulo "extra muros", 19-V-1992)

Ao proclamar o exemplo da sua vida, do seu ardor apostólico e — eu diria até — da santa ousadia com que sabia corresponder ao mandamento divino de ensinar a todas as nações a doutrina salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Igreja nos impele a lançar-nos com generosidade “mar adentro” (Lc 5, 4), para levar o Evangelho a todas as almas. E oferece-nos, nos ensinamentos do Bem-aventurado Josemaría, um meio providencialmente atual para as circunstâncias da nossa vida.

Card. Angelo Felici

Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos
(Basílica dos Santos Doze Apóstolos, 20-V-1992)

Toda a vida de Josemaría Escrivá esteve orientada pelo anseio de exaltar Jesus Cristo na terra e de glorificar, com Ele, a Deus Pai na unidade do Espírito Santo [...]. A sua pregação era um convite ardente, dirigido a todos os cristãos, para que abrissem de par em par as portas da sua alma ao Senhor, para que soubessem compreender e aceitar o sentido vocacional da sua existência cristã, para que colaborassem na missão evangelizadora universal da Igreja [...]. Graças ao seu exemplo e ao seu impulso, inúmeras pessoas entregaram as suas vidas a Cristo e seguiram a sua vocação na Igreja.

Procissão na Igreja Prelática de Santa Maria da Paz, onde repousam os restos do Bem-aventurado Josemaría Escrivá, no dia 21 de maio de 1992.



cialmente evidente por ocasião da beatificação: pessoas de todas as idades, dos países e das condições sociais mais diversas, apinhavam-se, ordenada e silenciosamente, para agradecer os favores obtidos graças à sua intercessão, e para pedir a sua ajuda nas necessidades espirituais e materiais que sempre acompanham a vida dos homens.

Card. Augustin Mayer

ex-Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos
(Basilica de "S. Andrea della Valle", 20-V-1992)

Como antigo Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, desejo chamar a atenção para o grande amor à liturgia do Bem-aventurado Josemaría [...]. Com a sua piedade profunda e a sua obediência fiel às prescrições da Igreja, o Bem-aventurado Josemaría Escrivá trouxe uma importante contribuição para a correta aplicação da renovação litúrgica querida pelo Concílio Vaticano II.

Card. Edward Idris Cassidy

Presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos
(Basilica de Santa Maria Maior, 19-V-1992)

É lógico que este mundo descristianizado reaja negativamente, e até mesmo duramente, ante a idéia de que os homens e as mulheres cristãs devem procurar "colocar Cristo nas entranhas das atividades terrenas", que devem procurar santificar-se a si próprios e aos outros com o testemunho da sua vida cotidiana. Esta oposição não nos deve surpreender; devemos tentar superá-la com o grande remédio que o Evangelho sugere diante de qualquer contradição: o amor [...]. O novo Bem-aventurado sabia que a salvação veio ao mundo pela Cruz, e nunca deixou de abraçar a Cruz.

No dia 17, depois da beatificação, a urna foi descoberta: podia-se ver o féretro através de um vidro. Centenas de Missas, celebradas pelos sacerdotes que tinham ido a Roma de todo o mundo, sucederam-se sem interrupção. Fora da Basílica, formavam-se filas de mais de um quilômetro: mais do que visitar monumentos, tão abundantes em Roma, as pessoas queriam venerar os restos mortais do novo Bem-aventurado.

Nenhuma crônica poderá refletir a fé que animou tantos milhares de pessoas a enfrentar sacrifícios, muitas vezes bem grandes, para estarem na Cidade Eterna nesses dias de maio. É uma realidade íntima, traduzida em horas de intensa oração, que só Deus conhece. E é entre a Santíssima Trindade e essas almas que ficarão as decisões de conversão, de entrega, de coerência cristã, de maior generosidade na luta e de empenho apostólico, que brotaram no coração dos que rezaram diante das relíquias do Bem-aventurado Josemaría Escrivá.

No dia 21 de maio, pela manhã, D. Álvaro del Portillo, Bispo Prelado do Opus Dei, presidiu em Santo Eugênio a uma Missa de ação de graças, celebrada por outros 18 bispos e 22 sacerdotes da Prelazia. De tarde, o Vigário Geral do Opus Dei, Mons. Javier Echevarría, presidiu a outra solene celebração. No final, o féretro foi trasladado em procissão pública até à Igreja Prelática, em Viale Bruno Buozzi 75, onde — conforme uma antiga tradição cristã — foi colocado numa urna debaixo do altar: símbolo da sua identificação com Cristo.

Card. Paul Poupard

Presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo com os não-crentes
(Basilica de Santo Apolinário, 20-V-1992)

Encontramos aqui uma síntese do núcleo central da mensagem espiritual confiada pelo Senhor ao Fundador do Opus Dei: alcançar a contemplação de Deus em todas as realidades da vida cotidiana. Construir — para empregar outra expressão que ele próprio cunhou — essa *unidade de vida* que nos permite relacionar-nos com Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — em todos os momentos do dia e da noite, e elevar tudo à glória de Deus, por meio de Cristo, com Ele e nEle: em união com o Sacrifício de Jesus no Calvário, porque a Missa é o *centro e a raiz* da vida cristã, segundo outra expressão do Bem-aventurado Josemaría, que foi recolhida nos ensinamentos conciliares do Vaticano II.

D. Peter Takaaki Hirayama

Bispo de Oita, Japão
(Igreja de "S. Girolamo della Carità", 19-V-1992)

O desejo do Bem-aventurado Josemaría era que os fiéis leigos, sem mudarem de estado de vida, permanecendo cada qual no lugar que ocupa no mundo, procurassem a santidade. Para nós, os católicos do Japão, isto nos traz uma grande luz. A primeira assembléia da nossa Junta Nacional de Evangelização ocorreu em Kioto há cinco anos. Perguntávamo-nos então como seria possível corrigir a separação que existe de fato entre a fé e a vida diária de tantos católicos [...]. Que resposta podemos dar a essa pergunta? Impressionou-me profundamente o que li nas obras de Mons. Escrivá: que cada um de nós, no lugar que ocupa, na sua missão dentro da sociedade, por meio do seu trabalho feito com sinceridade, sendo fermento entre os homens, nos santificamos e santificamos os outros, e servimos a Igreja.

Card. Agnelo Rossi

Decano do Sacro Colégio Cardinalício
(Basilica de "S. Andrea della Valle", 20-V-1992)

O Bem-aventurado Josemaría Escrivá foi o apóstolo do nosso século [...] e fundou o Opus Dei, que se difundiu prodigiosamente pelo mundo, dando à Igreja fiéis devotos e santos nas mais variadas profissões, projetando a santidade nos diversos estados de vida.

Card. Pietro Palazzini

ex-Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos
(Basilica de "S. Andrea della Valle", 19-V-1992)

O Senhor chamou o Bem-aventurado Josemaría Escrivá para fundar o Opus Dei, isto é, para cumprir na terra uma missão que exigia remover um cúmulo de obstáculos "impossíveis" [...]. E aquele jovem sacerdote, que só tinha "26 anos, graça de Deus e bom humor", correspondeu heroicamente a essa missão que, aos olhos humanos, podia parecer insensata, cheia de dificuldades insuperáveis. E por ter sabido corresponder heroicamente à graça, o Senhor glorificou-o: uma vez que, durante 47 anos, foi um Fundador à altura do Coração de Cristo, um realizador de tarefas impossíveis, um *opus Dei* pessoal e exemplar, que tornou possível o Opus Dei como instituição na Igreja.

ORAÇÃO

Ó Deus, que concedestes inumeráveis graças ao Bem-aventurado Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão, fazei que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar, e de servir com alegria e com simplicidade a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com o resplendor da fé e do amor. Dignai-Vos outorgar a canonização do Bem-aventurado Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se). Assim seja.

Pai-Nosso, Ave-Maria, Glória.

O Bem-aventurado Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu em Barbastro (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902. Recebeu a ordenação sacerdotal em Saragoça no dia 28 de março de 1925.

A 2 de outubro de 1928, em Madrid, fundou por inspiração divina o Opus Dei, que abriu aos fiéis um novo caminho de santificação no meio do mundo, através do exercício do trabalho profissional cotidiano e no cumprimento dos deveres pessoais, familiares e sociais de cada um, de modo a serem um fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. Em 14 de fevereiro de 1930, o Bem-aventurado Josemaría Escrivá entendeu, com a graça de Deus, que o Opus Dei devia desenvolver também o seu apostolado entre as mulheres; e em 14 de fevereiro de 1943 fundou a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, inseparavelmente unida ao Opus Dei. O Opus Dei foi aprovado definitivamente pela Santa Sé em 16 de junho de 1950; e no dia 28 de novembro de 1982 foi erigido como Prelazia pessoal, que era a forma jurídica desejada e prevista pelo Bem-aventurado Josemaría Escrivá.

Com uma oração e penitência constantes, com o exercício heróico de todas as virtudes, com uma amorosa dedicação e infatigável solicitude por todas as almas, e com uma entrega contínua e incondicional à Vontade de Deus, impulsionou e guiou a expansão do Opus Dei por todo o mundo. Quando o seu Fundador entregou a alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido pelos cinco continentes e contava mais de 60.000 membros de 80 nacionalidades, a serviço da Igreja com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos que o Bem-aventurado Josemaría Escrivá sempre viveu.

A Santa Missa era a raiz e o centro da sua vida interior. O profundo sentido da sua filiação divina, mantido numa contínua presença do Deus Uno e Trino, levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a viver uma ternura e forte devoção à Santíssima Virgem e a São José, a cultivar um trato habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda, e a ser semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá tinha oferecido repetidas vezes a sua vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice. O Senhor acolheu esse oferecimento, e Mons. Escrivá entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de junho de 1975, no seu quarto de trabalho.

O seu corpo repousa na Igreja Prelática de Santa Maria da Paz — Viale Bruno Buozzi 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento de suas filhas e filhos, e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e pelos ensinamentos do Fundador do Opus Dei. A sua causa de canonização foi introduzida em Roma no dia 19 de fevereiro de 1981. Em 9 de abril de 1990, o Santo Padre João Paulo II declarou a heroicidade das suas virtudes cristãs e, em 6 de julho de 1991, decretou o caráter milagroso de uma cura atribuída à sua intercessão. O Fundador do Opus Dei foi beatificado por S.S. João Paulo II em Roma, no dia 17 de maio de 1992.

A todos os que obtiverem graças por intercessão do Bem-aventurado Josemaría Escrivá, pede-se o favor de as comunicarem à Vice-Postulação do Opus Dei no Brasil, Rua João Cachoeira, 1496, CEP 04535-007, São Paulo, SP.